



## A problematização dos evangélicos e do “bolsonarismo” na literatura científica francesa

### *The problematization of evangelicals and “Bolsonarism” in French scientific literature*

Camila Cabral Arêas\*

**Resumo:** Com o objetivo de abordar a relação entre religião e política no Brasil, no contexto do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), o presente artigo traça um panorama da produção científica francesa sobre o tema, evidenciando os enfoques e argumentos-chave na problematização da questão de “os evangélicos e o bolsonarismo” nesta literatura. Inscrito nas Ciências da Informação-Comunicação, o estudo delinea uma cartografia disciplinar e temática, analisando os principais postulados da problematização científica e, por fim, propõe uma análise programática da relação entre religião e partidos políticos. Se a cartografia elaborada configura um campo interdisciplinar de artigos sobre o tema, a perspectiva programática assente na ciência política permite interrogar uma problemática essencial deste campo de estudo: a definição da relação que liga, articula, separa ou hierarquiza o religioso e o político. O presente estudo visa assim contribuir para a reflexão sobre os usos do secular e do religioso no campo político, investigando o problema da “sacralização da política” e da “secularização do religioso”, adaptada ao estudo de caso brasileiro.

**Palavras-chave:** Religião. Política. Bolsonaro. Evangélicos. Literatura científica. França.

**Abstract:** With the aim of examining the relationship between religion and politics in Brazil in the context of Jair Bolsonaro’s government (2019-2022), this article provides an overview of French scientific production on the subject in order to highlight the key approaches and arguments of this academic problematization of the issue “evangelicals and Bolsonarism”. Inscribed in Information and Communication Sciences, the study outlines a disciplinary and thematic cartography of the subject, analyses the main postulates of the scientific problematization and, finally, proposes a programmatic analysis of the relationship between religion and political parties. While the cartography produced sets up an interdisciplinary field of articles on the subject, the proposed programmatic perspective, based on political science, allows us to question an essential problem of this field of study: the definition of the relationship that links, articulates, separates or hierarchises the religious and the political. This study thus aims to contribute to reflection on the uses of the secular and the religious in the political field by means of an analysis focused on the issues of “sacralisation of the religious” and the “secularisation of the religious”, adapted to Brazilian case study.

**Palavras-chave:** Religion. Politics. Bolsonaro. Evangelicals. Scientific literature. France.

---

\* Doutora em Comunicação (Universidade da Reunião, França). Professora titular em Ciências da Informação e da Comunicação da Universidade da Reunião (França). ORCID: 0000-0002-6535-8818 – contato: [camila.cabral-areas@univ-reunion.fr](mailto:camila.cabral-areas@univ-reunion.fr)

## Introdução

Problema incontornável das ciências da religião e das ciências políticas, a questão das relações entre religião e política apresenta-se historicamente como um objeto de estudo privilegiado no campo das ciências humanas e sociais (Bloch, 1924; Willaime, 1986; Casanova, 1994; Hervieu-léger, 1999; Asad, 2003; Gauchet, 2001; Habermas 2008; Bouveresse, 2011; Mendieta, Jonathan Van Antwerpen, 2011). No contexto brasileiro contemporâneo, a eleição do presidente Jair Bolsonaro em 2018 constitui um marco científico na medida em que deu origem a uma produção acadêmica interdisciplinar inédita (em sua dimensão e variedade) sobre as intersecções e ressonâncias entre o religioso e o político (Cunha, Lopes, Lui, 2017; Almeida, Toniol, 2018; Camurça, 2019; Do Nascimento Cunha, 2021; Machado, Mariz, Carranza, 2021). Do ponto de vista internacional, o governo de Bolsonaro (2019-2022) aparece como um eco de Donald Trump nos Estados Unidos (2017-2021) e ambos se configuram como objetos e terrenos de investigação centrais para o estudo das dinâmicas religiosas e políticas.

No campo audiovisual, a prova disso se fez visível no ano de 2023, quando a rede de televisão Arte difundiu do documentário “Evangélicos à conquista do mundo”, escrito pelo jornalista-cineasta Thomas Johnson e pelo professor-pesquisador Philippe Gonzalez, que vem a ser um dos principais especialistas do evangelismo no campo científico francófono. Tal como eles sugerem neste filme:

Deus não está morto. Pelo contrário, está a tornar-se um ator político importante. Nascido nos Estados Unidos por volta de 1940, o novo movimento cristão evangélico conquistou o mundo e levou ao poder Trump, Bolsonaro e alguns presidentes africanos. Este movimento político-religioso, com 600 milhões de seguidores, quer impor a sua nova ordem moral a toda a gente através de uma cruzada global.

Pautado nestas observações, o presente artigo se interessa, mais particularmente, pelo tratamento científico do tema “evangélicos e bolsonarismo” na literatura francesa e busca fazer um recenseamento desta produção com o objetivo de entender como a questão das relações entre religião e política é problematizada no estudo do caso brasileiro. Para tal, o trabalho busca evidenciar os enfoques e os argumentos-chave desta problematização científica que propõe uma perspectiva crítica de análise do fenômeno político-religioso “bolsonarista”. Por meio de uma abordagem quantitativa e qualitativa, o estudo delinea uma cartografia disciplinar e temática desta literatura, examina os principais postulados da problematização científica e, por fim, propõe uma análise programática da relação entre religião e partidos políticos. O estudo abarca a quase totalidade da produção acadêmica (livros, artigos, dossiês) sobre o tema, publicados nos três principais portais francófonos na área de ciências humanas e sociais: Cairn, Persée e Revue.org. De um total de 147 publicações sobre o tema, entre 2016 e 2023, um subcorpus de 78 artigos foi lidos integralmente e apenas um subcorpus de 13 artigos foi analisado de maneira fina.

## **Cartografia quantitativa da produção científica sobre “religião e política” no governo Bolsonaro**

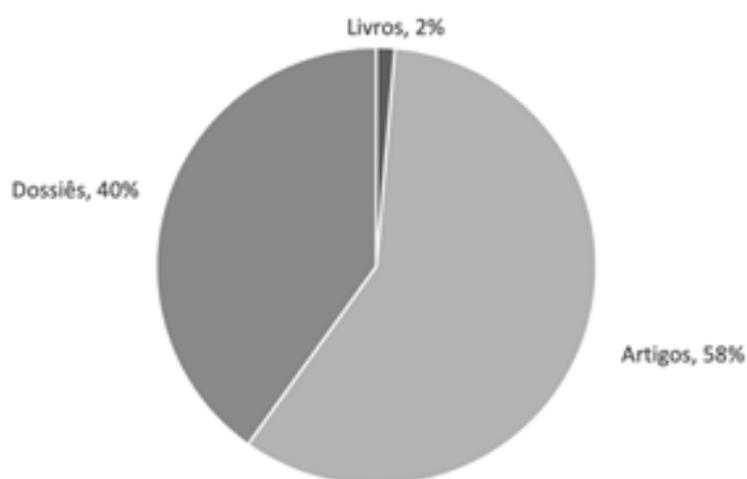
A construção metodológica do presente estudo está ancorada em cinco pilares: um objeto de estudo (religião e política no governo Bolsonaro), um contexto temporal (2018-2023), uma abordagem disciplinar (Ciências da informação e da comunicação), uma classificação institucional (revistas qualificadas pela Agência de avaliação da pesquisa e do ensino superior) e os três portais que reagrupam todas as revistas científicas francesas no campo das ciências humanas e sociais (Cairn, Persée e Revue.org/openedition). A escolha destes portais justifica-se não só pela sua área de especialização, mas também pelo fato de oferecerem modelos econômicos diferentes, que vão do acesso gratuito a todas as revistas (Persée, Revue.org/openedition) até o acesso pago de publicações mais recentes (Cairn, Persée). Inscrito neste vasto universo científico digital que inclui 1642 revistas e fomenta a visibilidade da produção acadêmica francesa no âmbito internacional, busca-se delinear a cartografia disciplinar e temática de tal literatura.

Para a construção do corpus de estudo, utilizamos o operador de pesquisa booleana dos portais e ao introduzirmos a palavra-chave “Bolsonaro” encontramos 1673 trabalhos publicados entre 2018 e 2023. Abarcando temas diversos, os principais enfoques desta produção se inscrevem no campo da ciência política e da sociologia política, dirigindo-se mais atentamente às questões de política ambiental, política estrangeira e geopolítica internacional. Os títulos de algumas destas publicações são ilustrativos do tema: “Brasil e a revolução geopolítica mundial” (Théry, Korinman, 2019), “Geopolítica das religiões. Um novo papel do religioso nas relações interacionais” (Chelini, Dubertrand, Zuber, 2019), “Bolsonaro, a política estrangeira brasileira em 2029 e o futuro da cooperação Sul-Sul” (Ribeiro e Milani, 2019), “A destruição da Amazônia, um projeto do governo Bolsonaro” (Telles Melo, Do Nascimento, 2020), “A revanche do agrobusiness brasileiro” (Bühler, Gautreau, Oliveira, 2022), “No Brasil, todo mundo tem sangue de índio nas veias ou nas mãos. A política amazônica de Bolsonaro através do prisma da história brasileira” (Rozeaux, 2021).

Ao afinar a pesquisa, quando utilizamos as palavras-chave “Bolsonaro” e “evangélicos”, encontramos um total de 759 publicações – equivalente a 45% do corpus total – dentre livros, artigos científicos e dossiês temáticos de revistas científicas (figura 1). Uma análise quantitativa transversal e superficial (limitada aos resumos) deste vasto corpus inicial, permitiu-nos apreender as grandes questões desta literatura científica. Em primeiro lugar, observa-se uma abordagem crítica mais explícita, bem como uma mudança no enfoque das temáticas dominantes. Neste mesmo subcorpus, nota-se a regularidade de temáticas que enquadram mais especificamente as relações entre o religioso e o político, e também os problemas ou crises que emergem das interações entre “o extremismo político e o fundamentalismo religioso”; entre “os partidos políticos e a religião”; entre “o regresso da religião e os desafios democráticos”. Em segundo lugar, percebe-se que, além da ciência política, os campos disciplinares mais interessados pelo tema de estudo se estendem às ciências da religião, à geografia, à filosofia, à economia, à psicologia, à história, ao direito e à comunicação (figura 2). Por fim, observa-se uma grande maioria de autores europeus e/ou filiados a instituições acadêmicas europeias,

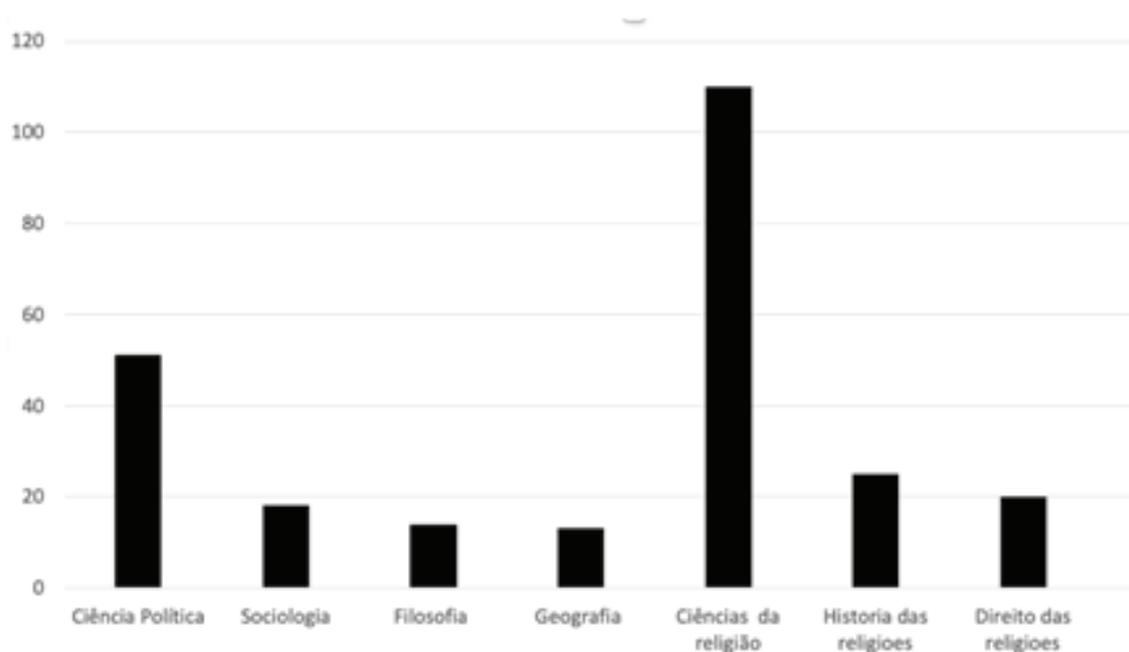
sobretudo no âmbito das publicações mais acessadas. Dentre os autores que mais publicaram sobre o tema (5 ou mais produções), nota-se a frequência de alguns acadêmicos de referência no campo das ciências da religião e do cristianismo, tais como Philippe Portier, Frédéric Gugelot, Jean-Pierre Cavaillé, Hervé Théry, David Douyère e Marie-Helene Sá Villas Boas.

**Figura 1**



Fonte: elaboração da autora (2024)

**Figura 2**



Fonte: elaboração da autora (2024)

Alguns títulos emblemáticos deste corpus são: “Estamos a assistir a um regresso à religião?” (Pédron-Colombani, 2020), “A mobilização política evangélica no Brasil” (Bastian, 2023), “A dimensão religiosa das eleições de 2018 e o obscurantismo cristão de Bolsonaro” (Reina, 2019), “Partidos políticos e religiões: entre a sacralização da política e a secularização da religião (Portier, Raison du Cleuziou, 2021), “O novo fundamentalismo: os conservadores católicos e a nova direita brasileira” (Wink, 2023), “Extremismo político e extremismo religioso evangélico no Brasil” (De Saint Martin, 2019), “Brasil: a eleição de Jair Bolsonaro ou o pacto das elites com a extrema-direita” (Barreto Lisboa, Caruso Macdonald, 2019), “A roupagem religiosa do ultraliberalismo. Uma investigação sobre o evangelho da prosperidade” (De Rauglaudre, 2020), “Brasil: (des)ilusões democráticas” (Rovere, 2019), “O Brasil de Bolsonaro. O grande salto para trás” (Delcourt, 2020), “O Brasil face à face com suas crises” (Souchaud, 2018), “A crise política brasileira: história e perspectivas de uma “terra em transe” (Napolitano, 2018). No caso dos dossiers temáticos de revistas científicas, nota-se que a capa das publicações traz ilustrações gráficas ou visuais carregados em verde-amarelo – uma alusão explícita às cores da bandeira do Brasil não é isenta de significação pois sabemos que tais cores foram apropriadas pelos partidários de Bolsonaro segundo um cunho identitário (figura 3).

**Figura 3**



Fonte: Cairn

### **O Brasil de Bolsonaro: retrato de um país em crise**

Tais títulos e ilustrações participam da construção de um retrato do Brasil de Bolsonaro sob o signo da crise. O uso frequente do termo “crise” no corpus de estudo – 565 artigos num total de 759, portanto 74% do corpus – aponta uma regularidade discursiva que convém ser analisada. A leitura destes artigos evidencia diversas ocorrências do termo “crise”, por vezes em um mesmo texto, levando a crer estar-se em um contexto de crises múltiplas e interdependentes. Esta introdução de um dossier temático intitulado “O Brasil perante as suas crises” configura um exemplo emblemático:

2018 foi um ano de eleições no Brasil. (...) Em outubro, 147 milhões de eleitores de uma população total de 209 milhões de habitantes da maior democracia da América Latina. Jair Bolsonaro, o candidato de extrema-direita e estreante na corrida presidencial,

foi eleito Presidente da República. Para a maioria dos analistas, trata-se de um resultado inesperado, impensável pelo menos até agosto passado, que mergulha o Brasil numa nova fase de incertezas e preocupações. Visto do exterior, esse resultado é uma grande surpresa. No entanto, é possível enquadrá-lo num contexto e numa série de acontecimentos que, sem o explicar, permitem contradizer a ideia de uma mudança súbita na sociedade brasileira. A crise económica profunda, considerada como uma das mais graves das últimas décadas, após um período de otimismo e de sucesso económico, rapidamente conduziu a uma violenta crise social que pôs em causa muitas das conquistas alcançadas, sobretudo na luta contra a pobreza e as desigualdades. Por fim, esta ocorre no contexto de uma crise política sem precedentes que mostra a extensão e o carácter enraizado da corrupção no país e a incapacidade dos partidos tradicionais para tirar o Brasil da crise. A sociedade brasileira, cuja autonomia tem crescido continuamente nas últimas décadas, fruto dos avanços democráticos e das mudanças demográficas e sociais, demonstra uma capacidade crítica que se expressa em formas radicais de rejeição, ao mesmo tempo que se dilacera num movimento de polarização violenta. De certa forma, a subida ao poder de Jair Bolsonaro é tanto o culminar de uma crise com múltiplas raízes como um acontecimento que coloca o Brasil face a face às suas crises. (Souchaud, 2018, p.7, tradução nossa)

A passagem acima ilustra com precisão a proliferação e o encastramento dos fenômenos designados por “crises”, sugerindo que estas são um traço constitutivo e distintivo do governo Bolsonaro: crise sanitária, social, económica, ambiental, democrática e (geo)política. Como categoria nativa, as crises estão inscritas no centro da agenda mediática e política deste governo, sendo objeto de diagnósticos, gestões e comunicações de acordo com o modelo de “governo de crise” que substituiu o modelo de “governo de risco” desde os anos 1990 (Dobry 1986; Revault d’Allonnes, 2012). Como conceito analítico, as crises são classificadas de acordo com uma tipologia que distingue e combina as suas dimensões morais (ideológicas, axiológicas) e materiais (ambientais, sociais), bem como as suas origens exógenas (sanitárias) e endógenas (institucionais). Neste corpus, a imagem de um governo “crisogênico” que vive uma “crise sem fim” surge assim como uma metáfora do governo Bolsonaro. Como categoria nativa ou como conceito analítico, o termo “crise” amplamente usado pelos autores não deve ser definido a priori mas, ser apreendida como o produto de uma operação discursiva, de construção e de qualificação de uma dada situação cujo carácter instável ou insustentável leva os autores a “pôr em crise” o Brasil de Bolsonaro (Maingueneau 2021). Sinónimo de desajuste, desequilíbrio, desregulação, descontinuidade, desordem e perturbação, o termo “crise” designa um acontecimento que altera ou rompe um estado hipotético de coisas, aquele do curso normal e ordinário das coisas. Entendida como o resultado de erros e disfunções, a crise afeta o desenvolvimento regular de um processo evolutivo cujo sentido é decisiva e significativamente alterado.

No âmbito da arena científica estudada, nota-se que a produção e circulação de discursos, imagens e dados sobre as várias crises brasileiras fazem parte de um duplo processo normativo de “tornar visível” e “pôr em crise”, o que envolve a seleção, o enquadramento e a atribuição de sentido aos acontecimentos que sevem para legitimar (ou não) a sua gestão por atores e instituições nacionais ou internacionais. Segundo uma abordagem construtivista, os artigos científicos produzidos sobre a era Bolsonaro estão, portanto, na origem da definição do “que constitui uma crise” e da sua “governança”, ou seja, do conjunto de ações específicas implementadas pelos atores designados como responsáveis pela prevenção, diagnóstico, gestão e fim do que foi definido por “crise”.

Nesta perspectiva, a “crise” refere-se a um processo discursivo de enquadramento, qualificação e significação de um fenômeno ou realidade que é “posto em crise” através do discurso científico. Colocar ou retirar um governo ou um país da crise pode assim ser entendido como uma operação semiótica inscrita no centro das políticas e ações de gestão de crises. (Angeli Aguiton, Cabane, Cornilleau, 2019).

Dito isso, a noção de “crise” é criadora de uma realidade discursiva cuja construção merece ser questionada e analisada. Como a produção científica estudada coloca o Brasil de Bolsonaro em crise? Como as crises brasileiras são descritas e analisadas? Como as dimensões linguísticas e extralinguísticas se articulam na construção das crises? Quais postulados, argumentos, abordagens e problematizações são utilizadas pelos atores científicos neste processo discursivo de “por em crise”? Em tempos de crise, como o discurso científico pode influenciar a realidade institucional e/ou social, e como pode ser recebido?

Na sequência destas reflexões, a análise qualitativa que segue busca responder a estas questões ao examinar a noção de “crise” através do prisma da análise discursiva da produção científica sobre “religião e política” no governo Bolsonaro.

### **Cartografia qualitativa da literatura científica: postulados, argumentos e problematizações**

Neste momento do estudo e recorrendo a uma abordagem qualitativa, desenvolve-se uma análise de conteúdo da problematização científica e propõe-se uma análise programática da relação entre religião e partidos políticos aplicada ao estudo de caso brasileiro. Posto que o corpus global de 759 artigos é ainda demasiado grande, limitando a viabilidade de uma análise mais detalhada da produção científica, nesta fase da investigação, foi, pois, necessário definir um novo filtro metodológico afim de delimitar um novo subcorpus de estudo. Para tal, trabalhamos apenas com as publicações que integram os termos “Bolsonaro” e “evangélicos” no resumo e/ou no título dos artigos, perfazendo um novo subcorpus de 10 artigos, produzidos por uma maioria de pesquisadores franceses, três pesquisadores brasileiros (Wladimir Barreto Lisboa, Paulo Baptista Caruso MacDonald, Ângela Jesuíno) e um colombiano (José Darío Rodríguez Cuadros). A leitura completa e a análise fina destes artigos permite destacar alguns postulados, argumentos-chave e perspectiva crítica que são comuns à grande maioria destes estudos e que são aqui examinados de maneira transversal.

### **Postulados comuns e abordagem crítica**

Primeiramente, no que concerne aos principais postulados da problematização científica, observa-se a recorrência de três axiomas-chave: (1) o poder da “bancada BBB” torna inteligível a eleição de Bolsonaro; (2) o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” ilustra o caráter nacionalista e religioso de seu governo; (3) o fenômeno dito “bolsonarista” se inscreve na continuidade do “trumpismo” norte-americano. Nesta literatura, o presidente brasileiro é comparado a Winston Churchill por seu caráter

liberal, e comparado a Francisco Franco por seu caráter autoritário, mas é sobretudo a figura de Donald Trump que emerge como fonte de comparação privilegiada para descrever o estilo e o modo de governo populista de Bolsonaro. No campo religioso, Edir Macedo, líder do movimento neopentecostal oriundo da Igreja Universal do Reino de Deus, é apresentado como uma figura ideológica-chave do bolsonarismo na medida em que encarna as afinidades entre a teologia da prosperidade e o sistema capitalista neo/ultra-liberal. É por meio destas comparações que a representação de Bolsonaro emergindo desta literatura corresponde à figura de um presidente oportunista que instrumentaliza o religioso com fins políticos. Bolsonaro seria assim pivô de um duplo processo de “politização do religioso” e de “sacralização da política” (Portier, Raison du Cleuziou, 2021).

Ilustrativos, os trechos abaixo mostram como a problematização científica é permeada de considerações críticas com relação a um “modo evangélico” de governar, no qual a dimensão religiosa legitima o caráter autoritário, conservador, nacionalista e isolacionista da política nacional e internacional de Bolsonaro:

O bolsonarismo apropria-se do espírito de luta de Churchill, mas aproxima-se de uma forma de autoritarismo, e do franquismo em particular. Tal como o Caudilho, o antigo militar estabelece-se como o protetor da pátria, da família e dos “valores cristãos ocidentais” contra uma “conspiração mundial marxista-comunista”. A sua profissão de fé, exibida na segunda parte do seu slogan “Deus acima de tudo”, conquistou-lhe o apoio das principais igrejas evangélicas. (...) Enquanto ele se considera investido de uma “missão divina”, alguns dos seus apoiantes vêem-no como um homem providencial, como o seu nome do meio – Messias – sugeriria. (...) No Brasil, onde os líderes são frequentemente chamados pelo seu nome próprio, ou mesmo pelo seu apelido (como no caso de Lula), ele é conhecido pelo seu nome de família, que estabelece a distância e o respeito devido a um superior no exército ou a um pai. (Gutmann, 2019, p. 15, tradução nossa)

O seu programa baseava-se nos ‘três Bs’: Boi (carne de vaca) para a criação de gado, emblemático do sucesso do agronegócio; Bíblia (a Bíblia) para os movimentos ‘evangélicos’ (protestantes pentecostais); Bala (armas) para o exército, por um lado, e para grupos que favorecem o uso privado de armas e uma política de segurança demonstrativa em resposta à violência urbana e rural, por outro. (Giblin, 2021, p.6, tradução nossa)

O seu lema trumpista “O Brasil acima de tudo”, complementado em modo evangélico por “e Deus acima dos homens”, sugere uma orientação nacionalista e até isolacionista. (Rouquié, 2019, p.15,16, tradução nossa)

Dentre os fatores mencionados para tornar inteligível a eleição de Bolsonaro, enfatiza-se o poder do conglomerado mediático evangélico da Igreja Universal do Reino de Deus e sua capacidade de influenciar o voto das classes populares. No entanto, contrariamente às teorias da comunicação que endossam o conceito de “mediacracia” (Prior, 2021), ou seja, o poder das mídias para decidir os votos dos eleitores (Berelson, 1954; McCombs, Shaw 1972) estes trabalhos privilegiam uma perspectiva sociológica crítica do voto que salienta a autonomia e a capacidade reflexiva das classes populares e trabalhadoras frente às estratégias mediáticas adotadas pelos grupos evangélicos. Como evidenciam estas passagens, a perspectiva crítica científica funciona como um apelo a ultrapassar as teses “mediacráticas” e o argumento dos “agentes patogênicos da pobreza” (Rodríguez Cuadros, 2018):

O número de pastores é muito elevado e a proselitismo dos pastores e dos fiéis é intensa, especialmente porque fazem um uso massivo dos meios de comunicação: imprensa, rádio, televisão e ainda mais a Internet e as redes sociais. Os evangélicos têm construído um império mediático. A Igreja Universal do Reino de Deus pode mobilizar enormes e diversificados meios: o semanário A Folha Universal, com uma circulação de mais de 2 milhões e sobretudo a sua rede de rádio e televisão a serviço dos seus candidatos. Record-TV, o segundo maior grupo televisivo do país, atrás da Rede Globo. O grupo Record é proprietário de editoras que vendem milhões de bíblias e livros religiosos, bem como de empresas discográficas. (...) Se a pregação de pastores exaltados é muitas vezes decisiva para convencer os fiéis, é sem dúvida sobretudo nas redes sociais que o proselitismo evangélico tem sido capaz de se desenvolver sistematicamente e ganhar terreno: as mensagens são divulgadas massivamente através da WhatsApp e de vários mensageiros, e os sítios web evangélicos multiplicam-se. (De Saint-Martin, 2019, p.27, tradução nossa)

A importância do voto do Jair Bolsonaro entre os fiéis das igrejas evangélicas também tem levado a acusações de manipulação eleitoral à esquerda. Se várias figuras do protestantismo chamaram de facto a votar nele, esta hipótese ignora, contudo, o livre arbítrio dos eleitores, dos quais sabemos que cerca de 30% votaram em F. Haddad, e reflete acima de tudo um preconceito social enraizado no passado. (...) Do mesmo modo, a divulgação maciça de notícias falsas financiada por empresas estrangeiras que apoiam J. Bolsonaro foi julgada decisiva por muitos opositores, embora nenhum estudo sério, no Brasil ou noutros locais, nos permita avaliar verdadeiramente a sua eficácia. Mas, como no caso da explicação dada para o voto evangélico, é a ideia de pessoas da classe trabalhadora facilmente condicionadas que têm servido de grelha para os derrotados. (Vidal, 2018, p.37, tradução nossa)

### **Argumento-chave: justificação teológica do neoliberalismo econômico**

As relações tecidas entre o governo Bolsonaro e o movimento evangélico neopentecostal constituem um ângulo de análise recorrente na literatura estudada. Os autores sugerem um processo de legitimação mútua entre o religioso e o político, resumido no neologismo “neo-pentecostal-liberalismo”. Esta ideia configura a principal argumentação da literatura científica que defende a tese de uma justificação teológica do sistema econômico neo/ultra-liberalismo, segundo a qual o sistema ideológico neopentecostal – pautado na teologia da prosperidade e numa moralidade conservadora – é compatível com o sistema capitalista e o promotor do neoliberalismo econômico característico. Na construção desta argumentação científica, nota-se uma postura crítica dos autores relativamente à estratégia política de Bolsonaro ao apropriar-se do conservantismo religioso e transpô-lo ao campo político. Seguem abaixo trechos que ilustram um processo discursivo de (des)qualificação do modo de governo bolsonarista – definido como “autoritário”, “conspiracionista”, “reacionário” e “racista” –, inseparável da denúncia do movimento neo-pentecostal e descrito como “sectário”, “escravagista”, “simplista”, “instigador do ódio e do medo”.

Uma nova narrativa com pretensões hegemônicas surgiu com Jair Bolsonaro. O liberalismo do novo presidente do Brasil pode ser assim descrito: ultraliberalismo na esfera económica e autoritarismo na esfera estatal, moralidade evangélica na no campo dos costumes e conspiracionismo na esfera internacional. (...) Segundo eles, a fé religiosa é suficiente em si mesma e torna desnecessária a construção de um sentimento nacional. (Barreto Lisboa, Caruso MacDonald, 2019, p.188, tradução nossa)

Tal como Jair Bolsonaro, Edir Macedo é inspirado pelo espírito do capitalismo americano. Ele admira John David Rockefeller, que veio de uma família pobre e se tornou multimilionário. Este devoto Baptista costumava dizer: “O dinheiro vem de Deus até mim”. Logicamente, a Igreja Universal do Reino de Deus gosta de um vocabulário norte-americano do mundo dos negócios e baseia-se num “modelo de organização empresarial”. (...) Se a hipótese de uma influência direta desta corrente religiosa sobre a política económica do presidente americano fosse exagerada, a filiação ideológica entre a teologia da prosperidade e os desejos ultraliberais dos governos de Donald Trump e Jair Bolsonaro deve ser realçada. (...) Em 2018, a revista jesuíta italiana *La Civiltà Catolica*, que está próxima do Vaticano, fez uma análise crítica desta versão evangélica do sonho americano, na qual viu uma “tentativa de justificação teológica do neoliberalismo económico”. (Rauglaudre, 2020, p.20, tradução nossa)

Vamos deter-nos nas derivas sectárias do Pentecostalismo ou do neo-pentecostalismo para identificar uma mutação na estrutura de crenças. As coisas pioraram nos últimos anos quando estas correntes uniram forças com as políticas mais reacionárias, como no caso do populismo bolsonarista ou do estilo Trump, para propor uma teologia escravagista, simplificadora e sem imaginação que legitima e promove um “nós” purificado e hierárquico baseado no ódio e no medo. Uma teologia colocada ao serviço de uma direita americana e brasileira, racista e conspiratória, conservadora, neoliberal e autoritária. (...) Mas, no final, é muito mais do que isso. Estas seitas de massas oferecem um apoio “teológico” ao sistema neoliberal e tornam-se o “braço acreditador” do liberalismo económico e de uma moralidade conservadora. A contrapartida é uma conquista progressiva e determinada dos espaços de poder nas democracias ocidentais. (...) Mas será que podemos falar de uma nova forma de radicalismo? O que nos mostra esta ascensão meteórica dos evangelistas a uma escala global? Nos mostra que o discurso capitalista não poupou o domínio religioso e que se enroscou no próprio coração do sistema de crenças, introduzindo uma mutação sem precedentes na relação do sujeito com o sagrado. Para compreender isto, o melhor exemplo é a Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil. Porquê? Porque esta igreja de denominação cristã, evangélica e neopentecostal, criada em 1977 no Rio, não é apenas uma entidade religiosa, mas um partido, uma força económica, um império mediático, uma empresa. (Jesuino, 2022, p.29, tradução nossa)

Estes exemplos nos permitem observar que o trio formado por Jair Bolsonaro – Donald Trump – Edir Macedo encarna assim o “espírito do capitalismo americano” que funciona como condição de possibilidade das interdependências analisadas entre o sistema teológico neopentecostal e a governança política de Bolsonaro.

### **Problematização central: Bolsonaro consagra o sistema político-teológico**

A retroalimentação deste sistema político-teológico constitui a problematização central desta literatura científica cujos autores buscam, por meio de uma abordagem histórica e sociológica, retratar a genealogia deste sistema que encontrou sua máxima expressão no modo de governo Bolsonaro. Fazendo uso de uma abordagem histórica, os pesquisadores lembram que se “Bolsonaro aparece agora flanqueado por um texto da Constituição e uma Bíblia”, as eleições de Luíz Inácio Lula da Silva em 2002, de Dilma Rousseff em 2011 et de Fernando Haddad em 2018 somente foram possíveis graças a algumas concessões feitas ao movimento evangélico (Rouquié, 2019). Por meio de uma abordagem sociológica, os autores sugerem que o “surto evangélico” (Rouquié, 2019) e o sucesso de Bolsonaro em 2018 explica-se, em grande parte, pelo “carácter vertical das relações sociais no Brasil, do topo para a base da escada” e é perpetuado por “cadeias de lealdade, reciprocidade e dependência que mantêm relações de patrocínio e redes

de clientela”. Os evangélicos enquadram-se neste sistema na medida em que “exaltam uma fusão emocional comunitária, reunindo os excluídos em torno do líder-profeta” (Rodríguez Cuadros, 2018).

Assim explicada, a interdependência das dimensões políticas e religiosas do governo Bolsonaro é descrita por José Darío Rodríguez Cuadros como o resultado de um longo processo de “confessionalização da política e da sociedade” (Rodríguez Cuadros, 2018) que encontra no bolsonarismo sua máxima expressão ou seu “ponto de viragem” (*turning point*), como um caminho sem volta. Monique Saint Martin completa esta definição quando afirma que “os laços extremamente fortes, a interpenetração, e mesmo confusão entre as autoridades políticas e as igrejas evangélicas desenvolveram-se e foram constantemente reforçados ao longo dos últimos anos os excessos e a violência desencadeados de um lado (político ou religioso) e têm frequentemente repercussões no outro” (De Saint Martin, 2019).

### **Análise prospetiva: rumo à primeira “neo-teocracia do século XXI”**

Pautados nesta problematização científica, os autores do corpus desenvolvem uma análise prospetiva das relações político-religiosas no contexto brasileiro do século XXI. Segundo os pesquisadores, se o governo de Bolsonaro marcou a consagração de um sistema teológico-político em vias de legitimação, os próximos anos serão marcados pela intensificação e radicalização desta aliança. Partindo do pressuposto que o fundamentalismo religioso e o extremismo político são dois movimentos concomitantes e interdependentes no contexto brasileiro, configura-se uma análise prospetiva que defende a tese segundo a qual a jovem democracia brasileira estaria transformando-se na “primeira neo-teocracia do século XXI”. Como ilustram os trechos trazidos abaixo, o “surto”, o “fanatismo”, o “extremismo”, o “fundamentalismo” e o “proselitismo” marcaram os anos de governo Bolsonaro e são assim apresentados como indícios de uma nova era teocrática em construção.

A eleição de Jair Messias Bolsonaro não apenas ilustrou e reforçou a influência dos evangélicos no país, mas também levou a uma radicalização de uma fração do movimento, alimentando um novo extremismo. Um mês antes da primeira volta das eleições, em setembro de 2018, o candidato foi ferido por uma faca. Este evento alimentou uma forma de fanatismo religioso. Muitos pastores evangélicos declararam que o candidato tinha escapado à morte por causa de uma ‘decisão divina’. Eles até organizaram grupos de oração para comemorar o ‘milagre’. Este evento marca o “surto” de proselitismo “extremista” e “fundamentalista” que se espalhou no Brasil desde as eleições. As redes sociais tornaram-se o principal veículo para tal. (...) Numa situação em que a violência – policial, militar, política, agrária, doméstica – se tornou extrema, as incitações ao fanatismo vêm de todos os lados, incluindo as mais altas esferas do poder político e as igrejas. O comportamento fanático pode dizer respeito apenas a uma minoria de evangélicos, mas as incitações ao fanatismo são frequentes, especialmente se se trata de competir com as religiões afro-brasileiras, o Partido dos Trabalhadores (PT) ou Lula, retratado como comunista, se não como o diabo. (...) O extremismo político e o extremismo religioso, ambos encorajados pelo atual governo, e apoiados por uma grande fração de evangélicos, reforçam-se mutuamente, estreitando perigosamente o espaço democrático e aumentando fortemente as divisões no país. (De Saint-Martin, 2019, p.23,31, tradução nossa)

Dentro de dez ou vinte anos, o Brasil será provavelmente uma das primeiras neo-teocracias do século XXI. Tal como o pastor evangélico Marcelo Crivella foi eleito prefeito do Rio de Janeiro em 2016, a Igreja Universal irá provavelmente exercer abertamente o poder à frente do estado federal. No entanto, os futuros historiadores do país reconhecerão que a mudança para a teocracia teve lugar em 2018, com Bolsonaro. Bolsonaro não está a estabelecer de todo uma ditadura autoritária; está a celebrar a frágil aliança entre os oligarcas que sob Lula exploraram o território e os trabalhadores sem descanso, e as igrejas, que penetraram profundamente no tecido social e estão prontas a assumir a “representação” política. A este respeito, o Brasil oferece uma terrível lição sobre o possível futuro das nossas democracias, capazes de se transformarem em regimes baseados quase inteiramente na submissão – países de escravos sem senhores, ditaduras sem ditadores. (Rovere, 2019, p.39, tradução nossa)

### **Análise programática das relações entre religião e partidos políticos: sacralização da política e secularização do religioso**

Seja na Índia de Modi, no Brasil de Bolsonaro ou nos Estados Unidos de Trump, a religião voltou à vanguarda como uma rede de mobilização partidária, bem como um recurso simbólico para construir o verdadeiro povo e identificar os interesses legítimos que a democracia deve defender por lei. É o próprio Deus que inspira a visão da Pastora Paula White sobre a vinda de anjos para trazer a vitória a Donald Trump. Os nacionalistas hindus perseguem os muçulmanos e procuram limitar os seus direitos civis porque são suspeitos de comer carne de vaca sagrada. Até mesmo na Europa, os temas religiosos estão de novo a circular em arenas partidárias e presépios, crucifixos ou rosários estão a tornar-se objetos de divisão (Olivier Roy, 2019 In Portier, Cleuziou 2021, p.11, tradução nossa)

Em meio ao corpus estudado, destaca-se a publicação recente de um dossiê de revista organizado por dois autores de referência no campo das ciências sociais da religião – Philippe Portier e Yann Raison du Cleuziou –, que propõem sólida e interessante análise programática das relações entre religião e partidos políticos. Tal como indicam os autores na epígrafe do artigo reproduzido acima, este programa de estudo é claramente aplicável ao caso brasileiro na medida em que tem por objetivo explorar um especto essencial deste último: a definição da relação que liga, articula, separa, hierarquiza o religioso e o político.

Como objeto de estudo interdisciplinar, o problema das interações entre religião e partidos políticos é partilhado pela sociologia política, a sociologia das religiões e os estudos em áreas regionais (brasileira, latino-americana etc.). Por esta razão, os autores afirmam que a dispersão de especialidades dos investigadores que trabalham sobre partidos políticos ou religião enfraquece a cumulatividade da pesquisa e a visibilidade do objeto de estudo. Os autores partem da observação de um desafio epistemológico para propor um novo programa de estudo.

À luz dos estudos de referência sobre o processo de “politização” assentes na ciência política (Lagroye, 2003; Déloye, Haegel, 2019), os autores sugerem adotar a concepção bourdieusiana do campo político, “como um espaço de lutas pela ocupação de posições de poder dentro da estrutura do Estado”, bem como uma abordagem crítica de análise dos processos que participam da definição do que é político ou religioso. Como indicam os autores, o objetivo deste programa de estudo “é mostrar, com base na observação dos conflitos em torno da delimitação que é política ou religião, bem

como das controvérsias sobre a definição da relação que os liga, (...) como o referente religioso pode ser mobilizado, instrumentalizado e recomposto na arena política” (Portier, Cleuziou 2021, p. 12).

Em outras palavras, propõem-se centrar o estudo da relação entre religião e partidos políticos em níveis de análise: (1) a observação empírica, a partir de estudos de caso, dos usos do secular e do religioso nos campos político e religioso; (2) a generalização deste estudo de caso por meio de uma análise transversal dos processos de “sacralização da política” e “secularização do religioso”. O programa de estudo assim desenhado estrutura-se em duas problematizações independentes e/ou complementares: (A) a construção partidária dos religiosos; (B) a regulamentação religiosa dos partidos políticos.

No primeiro caso, algumas perguntas-chave permitem orientar o problema: “Dentro dos partidos, como as crenças religiosas podem ser orientadas para conferir recompensas específicas aos representantes políticos? Como um partido político pode negociar a sua autonomia em relação às autoridades religiosas? Em que medida o seu programa deve ser religiosamente marcado? Que jogos de autoapresentação partidária são necessários para conciliar as reivindicações de representação religiosa e a representação nacional ou eleitoral? Como é que os profissionais políticos assumem a sua filiação religiosa? Como é que eles atuam na arena mediática? Uma vez no governo, que políticas podem ser implementadas pelos representantes políticos com orientação religiosa? Como é que tais representantes se posicionam no parlamento e sobre que questões mobilizam? Como é que mantêm a autonomia do Estado face às autoridades religiosas?” (Portier, Cleuziou 2021, p. 13,14).

No segundo caso, trata-se de tomar as autoridades religiosas como objeto de observação e análise, nas suas relações plurais com as organizações partidárias e nas suas relações políticas com os fiéis. E outras questões permitem de orientar esta problematização: “No seio das religiões, como é controlada a socialização política dos fiéis? De que forma as autoridades religiosas tentam influenciar a escolha política dos fiéis durante as eleições? Que estratégias desenvolvem as autoridades religiosas em relação aos representantes políticos? Em que medida os representantes religiosos podem influenciar a liderança de um partido? De que modo as autoridades religiosas e os líderes políticos podem encontrar-se em situação de competição pela representação do grupo social? Como tais autoridades e líderes poderiam negociar uma divisão do trabalho político?” (Portier, Cleuziou 2021, p. 14).

Aplicado ao estudo de caso brasileiro sobre a interdependência entre o governo Bolsonaro e os evangélicos ou sobre as ressonâncias entre o bolsonarismo e o neo-pentecostalismo, tal programa de estudo traça um duplo objetivo: (1) analisar a reconfiguração do papel dos atores evangélicos no campo político segundo uma perspectiva histórica que abarque a constituição do primeiro grupo evangélico na Constituinte de 1986, a criação de Frente Parlamentar Evangélica (FPE) em 2003 e sua ampliação na legislatura de 2011 que permitiu a diversos líderes religiosos investir em diferentes partidos políticos (PRB, PSD, PROS) até a integração de alguns deles no governo de Bolsonaro; (2) analisar as práticas, os discursos e as representações de cunho político veiculadas pelos representantes religiosos no âmbito das igrejas evangélicas e também na arena mediática e no espaço digital. Por fim, podemos constatar que a perspectiva

privilegiada pelos autores do corpus estudado foi justamente esta segunda abordagem, centrada numa sociologia do voto e no poder de influência dos discursos e médias evangélicos, portanto no problema da “secularização do religioso”, em detrimento de uma análise da “sacralização da política”.

## Conclusão

O estudo da produção científica francesa sobre a interdependência político-religiosa no contexto do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) permitiu destacar o retrato do “Brasil de Bolsonaro” como um “país em crise”. De forma complementar, análise qualitativa do corpus tornou inteligíveis os principais postulados e argumentos desta problematização científica que, pautada numa abordagem crítica, sublinha um processo de mútua legitimação do (extremismo) político e do (fundamentalismo), traduzido pelo neologismo “neo-pentecostal-liberalismo”. Por fim, propõe-se aplicar ao caso brasileiro um programa de estudo centrado nas relações entre “religião e partidos políticos” com vistas à análise dos “usos da religião no governo Bolsonaro” e dos “usos da política no campo religioso neopentecostal”. Consideramos que esta dupla perspectiva de análise do problema da “sacralização do religioso” e da “secularização do religioso” mostra-se adequada e enriquecedora ao estudo das relações político-religiosas desde 1986 até o Brasil contemporâneo.

## Referencias

ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo (org.). Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

ANGELI AGUITON, Sara ; CABANE, Lydie ; CORNILLEAU, Lise. Politiques de la « mise en crise. Critique internationale, 2019/4 (N° 85), p. 9-21, 2019.

ASAD, Talal. Formations of the secular. Christianity, Islam, modernity. Stanford: Stanford University Press, 2003.

BERELSON, Bernard; LAZARFELD, Paul; McPHEE William. Voting. A study of Opinion Formation in a Presidential Campaign. Chicago: University of Chicago Press, 1954 (1986).

BLOCH, Marc. Les Rois thaumaturges. Paris : Gallimard, 1983 [1924].

BOUVERESSE, Jacques. Que peut-on faire de la religion ?. Paris : Agone, 2011.

CAMURCA, Marcelo Ayres. Religião, política e espaço público no Brasil: perspectiva histórico/sociológica e a conjuntura das eleições presidenciais de 2018. Estudos de Sociologia (UFPE), V2 n25, 2019.

CASANOVA, José. Public Religions in the Modern World. Chicago : University of Chicago Press, 1994.

CUNHA, C. V., LOPES, P. V. L.; LUI, J. Religião e política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições de 2014. Rio de Janeiro: Heinrich Boll Brasil, 2017.

DÉLOYE, Yves ; HAEGEL, Florence. La politisation : du mot à l'écheveau conceptuel. *Politix*, 2019, 32 (127), pp.59-83.

DO NASCIMENTO CUNHA, Magali. 'Pelo governo de Deus': A inserção de novos movimentos fundamentalistas estadunidenses na arena política do Brasil durante o governo Trump. *Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v. 23, 2021.

DOBRY, Michel. *Sociologie des crises politiques*. Paris : Presses de la Fondation nationale des sciences politiques, 1986.

GAUCHET, Marcel. *La religion dans la démocratie*. Paris : Gallimard, 2001.

HABERMAS, Jürgen. Retour sur la religion dans l'espace public. *Le Débat*, novembre-décembre, 2008.

HERVIEU-LÉGER Danièle. *Le Pèlerin et le converti*. Paris : Flammarion, 1999.

MACHADO, Maria das Dores Campo ; MARIZ, Cecilia Loreto ; CARRANZA, Brenda. Articulaciones político-religiosas entre Brasil-USA: derecha y sionismo cristianos. *Ciencias Sociales Y Religión*, 23, 2021.

MAINGUENEAU Dominique. A análise do discurso diante da crise do coronavírus: algumas reflexões. *Bakhtiniana* 16(4):146-161, 2021.

McCOMBS, Max; SHAW, Donald. The Agenda-Setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, 36, p. 176–187, 1972.

MENDIETA, Eduardo ; VAN ANTWERPEN Jonathan. *The Power of Religion in the Public Sphere*. Londres : Polity Press, 2011.

PRIOR, Hélder. *Mediacracia: Comunicação e Política na era da Mediatização*. Porto: Media XXI, 2021.

LAGROYE, Jacques (Org.). *La politisation*. Paris : Belin, 2003.

REVAULT D'ALLONNES, Myriam. *La crise sans fin. Essai sur l'expérience moderne du temps*. Paris : Seuil, 2012.

WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologie de la condition du clerc à la fin du XXe siècle*. Genève : Labor et Fides, 1986.

### **Corpus de estudo**

ALBUQUERQUE RIBEIRO, Renata ; MILANI, Carlos Roberto Sanchez. L'élection de Bolsonaro, la politique étrangère brésilienne en 2019 et l'avenir de la coopération Sud-Sud. *IdeAs [En ligne]*, 13 | 2019.

BARRETO LISBOA, Wladimir ; CARUSO MACDONALD, Paulo Baptista. Brésil : l'élection de Jair Bolsonaro ou le pacte des élites avec l'extrême droite. *Cités*, N° 78, p. 187-205, 2019.

BASTIAN, Jean-Pierre. La mobilisation politique évangélique au Brésil. *Études*, HS9, p. 103-114, 2023.

BÜHLER, Ève Anne ; GAUTREAU Pierre ; DE OLIVEIRA Valter. La revanche de l'agrobusiness brésilien. *Études rurales*, 209 | p. 40-60, 2022.

CHELINI-PONT, Blandine ; DUBERTRAND, Roland ; ZUBER, Valentine. Géopolitique des religions. Un nouveau rôle du religieux dans les relations internationales ?. Paris : Le Cavalier Bleu, 2019.

DEL COURT, Laurent. Le Brésil de Bolsonaro. Le grand bond en arrière. Éditions Syllepse, 2020.

GIBLIN, Béatrice. Où en est le Brésil ?. *Hérodote* (N° 181), 2021.

DE SAINT-MARTIN, Monique. Extrémisme politique et extrémisme religieux évangélique au Brésil. *Raison présente*, N° 212, p. 23-32, 2019.

DE RAUGLAUDRE, Timothée, « Les habits religieux de l'ultralibéralisme. Enquête sur l'Évangile de la prospérité », *Revue du Crieur*, 2020/3 (N° 17), p. 14-29.

GUTMANN, Raphaël. Le Brésil sous Bolsonaro, Un pays au paroxysme de ses traumatismes. *Études*, (Novembre), p. 7-17, 2019.

JESUINO, Angela Jesuino. Nouvelles formes du croire : une mutation dans la structure de la croyance? *La revue lacanienne*, N° 23, 2022.

NAPOLITANOS Marcos. La crise politique brésilienne : histoire et perspectives d'une 'terre en transe. *Brésil(s)* 1 | 2018.

PÉDRON-COLOMBANI, Sylvie. 30. Assiste-t-on à un retour du religieux ? In : PAUGMAN, Serge (Org.), *50 questions de sociologie*. Paris : PUF, p. 301-308, 2020.

PORTIER, Philippe ; RAISON DU CLEUZIOU Yann. Partis politiques et religions : entre sacralisation du politique et sécularisation du religieux. *Avant-propos. Revue internationale de politique comparée*, Vol. 28, p. 11-36, 2021.

REINA, Morgane. La dimension religieuse des élections de 2018 et l'obscurantisme chrétien de Bolsonaro. *IdeAs*, 13 | 2019.

RODRÍGUEZ CUADROS José Darío. Le basculement religieux latino-américain. *Hérodote*, N° 171, p. 119-134, 2018.

ROUQUIÉ, Alain. Amérique latine: démocraties à l'épreuve. *Le Débat* n° 203, Gallimard, 2019.

ROVERE, Maxime. Brésil : (dés)illusions démocratiques. *Esprit*, Mars, p. 35-39, 2019.

ROZEAUX, Sébastien. ‘Au Brésil, tout le monde a du sang indien : qui dans les veines, qui sur les mains’. (Dicton populaire). *La politique amazonienne de Bolsonaro au prisme de l’histoire du Brésil. Écrire l’histoire*, 20-21 | p. 251-255, 2021.

SOUCHAUD, Sylvain. Introduction. *Le Brésil face à ses crises. Problèmes d’Amérique latine*, N° 111, p. 5-22, 2018.

THERY, Hervé ; Korinman, Michel. *Le Brésil et la révolution géopolitique mondiale*, *Outre-Terre*, N° 56, p. 7-19, 2019.

TELLES MELO, João Alfredo ; DO NASCIMENTO AQUINO Deodato. *La destruction de l’Amazonie, un projet du gouvernement Bolsonaro. EcoRev’*, (N° 48), p. 29-45, 2020.

VIDAL, Dominique. *L’élection de Jair Bolsonaro au Brésil, ou comment un député d’extrême-droite est arrivé au pouvoir*, *Problèmes d’Amérique latine*, N° 111, 2018.

WINK, Georg. *Le nouvel intégrisme : les conservateurs catholiques et la Nouvelle Droite brésilienne. Brésil(s) 23* | 2023.

Submetido em: 17/01/2024

Aprovado em: 29/04/2024

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Alfredo Teixeira.